



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

» PALOMA OLIVETO

Ignorando o risco de novos bombardeios, milhares de pessoas acompanharam o funeral coletivo das estudantes mortas no sábado, após um ataque aéreo dos Estados Unidos e de Israel que atingiu em cheio uma escola primária para meninas em Minab, no sul do Irã. Pelo menos 165 crianças morreram e dezenas ficaram feridas. Vídeos compartilhados pela imprensa iraniana mostram a procissão de pequenos caixões cobertos pela bandeira do país, seguidos pela multidão. Ontem, o alto comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ONU), Volker Turk, exigiu uma investigação imparcial da investida.

Em uma coletiva de imprensa, a porta-voz de Turk, Ravina Shamdasani, afirmou que o alto comissário está “profundamente chocado com os impactos” sobre civis. “Exigimos que as forças que realizaram o ataque divulguem as conclusões e garantam a responsabilização e a reparação para as vítimas”, disse. Questionado por jornalistas em Washington, o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, disse que o país “não atacaria uma escola deliberadamente”. “Se o ataque fosse nosso, o Departamento de Guerra investigaria”, acrescentou.

Em nota, o Comando Central das Forças Armadas dos Estados Unidos (Centcom) afirmou ter conhecimento da morte de civis, sem citar o caso específico da escola primária. “Estamos cientes de relatos sobre danos a civis resultantes de operações militares em andamento. Levamos esses relatos a sério e estamos investigando-os. A proteção de civis é de suma importância e continuaremos a tomar todas as precauções disponíveis para minimizar o risco de danos não intencionais.”

“A sangue frio”

No X, o ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, comentou uma foto das covas sendo abertas. “Essas são covas sendo cavadas para mais de 160 meninas inocentes, mortas no bombardeio conjunto EUA-Israel a uma escola primária. Seus corpos foram dilacerados”, escreveu Araghchi. “É assim que o ‘resgate’ prometido pelo Sr. Trump se parece na realidade. De Gaza a Minab, inocentes assassinados a sangue frio.” Segundo a organização civil Crescente Vermelho, ao menos 787 civis foram mortos desde sábado no Irã. Desses, 176 seriam crianças.

Identificada como mãe de uma das vítimas do bombardeio à escola, uma mulher exibiu fotos da filha, que se chamaria Atena, e afirmou que aquela era a documentação dos “crimes norte-americanos”. “Elas morreram no caminho de Deus.” A todo momento, a multidão gritava frases contra os Estados Unidos e Israel, e garantia que o Irã não se entregará.

Milhares se despedem das 165 meninas mortas por Israel e EUA

Comoção e promessas de vingança marcam funeral das vítimas do ataque aéreo a escola primária feminina no sul do Irã, ocorrido no primeiro dia da guerra; ONU exige investigação do bombardeio e reparação para as vítimas

Iranian Press Center/AFP



Imagem aérea mostra escavação de covas para o enterro das vítimas do bombardeio da escola primária feminina em Minab

Amirhossein Khorgooei/ISNA/AFP



Mulher abraçada com foto de uma menina morta no ataque é consolada

Amirhossein Khorgooei/ISNA/AFP



Mulher joga pétalas de flor em pequenos caixões durante o funeral

Guarda Revolucionária ameaça centros econômicos

» RODRIGO CRAVEIRO

A guerra entre Irã e Israel pode surtir impacto econômico ainda mais grave. Ebrahim Jabari, general da Guarda Revolucionária Iraniana, advertiu que, caso os bombardeios contra o seu país prossigam, “todos os centros econômicos” do Oriente Médio serão alvo. “Dizemos ao inimigo que, se decidir atacar nossos principais centros, nós atacaremos todos os centros econômicos da região”, ameaçou. “Fechamos o Estreito de Ormuz. Atualmente, o preço do petróleo passa dos US\$ 80 e, em breve, atingirá os US\$ 200”, acrescentou, segundo a agência de notícias Isna. O barril do Brent superou os US\$ 85 pela primeira vez desde julho de 2024.

Na noite de ontem, agências de segurança do Catar anunciaram as prisões de duas células de suspeitos associados à Guarda Revolucionária do Irã. De acordo com a estatal Qatar News Agency,

“as operações de monitoramento e rastreamento de perfeição resultaram na captura de 10 suspeitos”. “Sete deles tinham a missão de coletar informações sobre a infraestrutura vital e militar do país em missões de espionagem. Os outros três foram designados para realizar atividades de sabotagem e treinados no uso de drones”, afirmou a Qatar News Agency. Com as células, foram encontradas coordenadas para a localização de instalações e equipamentos sensíveis, além de dispositivos de comunicação e equipamentos tecnológicos. Um míssil iraniano atingiu a base americana de Al Udeid, a sudoeste da capital Doha.

Analista do Fórum Internacional do Golfo (em Riad), o saudita Aziz Algashian prevê que a situação no Golfo Pérsico ficará ainda mais tensa. “Acho que será preciso muito cautela. O que os sauditas têm feito é permitir a internacionalização do conflito.

Fayez Nuralidine/AFP



Projeção em arranha-céu de Riad: “Alá, torne esse país seguro”



Dizemos ao inimigo que, se decidir atacar nossos principais centros, nós atacaremos todos os centros econômicos da região”

Ebrahim Jabari, general da Guarda Revolucionária Iraniana

Em outras palavras, o escoamento de mercadorias por navios e de petróleo é um problema global”, afirmou ao **Correio**. “O reino saudita autoriza, com isso, uma resposta internacional. Por esse motivo, ele tem se focado na diplomacia. Agora, Reino Unido e França estão enviando porta-aviões; os Estados Unidos assinalaram que escoltarão navios comerciais.”

Algashian considera a ameaça iraniana de atacar centros econômicos do Oriente Médio como plausível. “Teerã cumpriu tudo o que prometeu. Com

essa ameaça iraniana, tudo ficará mais caro. Este é o ângulo de alavancagem que a Arábia Saudita possui”, disse. O reino de Riad alertou os Estados Unidos de que, se não conseguirem deter o Irã, isso não será bom para nenhum lado e para os mercados internacionais, com a perspectiva de aumento da inflação. “Os preços do petróleo estão aumentando. Na Europa, o gás subiu 50 pontos percentuais. Essa é a influência que a Arábia Saudita e os países do Golfo Pérsico detêm”, acrescentou o especialista de Riad.